

ROMANCE DA FILHA DO IMPERADOR DO BRASIL: DIÁLOGOS E CONFLITOS ENTRE GERAÇÕES

Luís Adriano Mendes Costa*

RESUMO:

Presente no folheto XII do Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta, de autoria do escritor Ariano Suassuna, o Romance da filha do imperador do Brasil se passa num contexto sertanejo e narra uma situação vivida pela Infanta, filha do Imperador Dom Pedro, que se apaixona por um Vaqueiro. Mesmo com os cuidados e orientações, a Infanta contraria o pai, se envolvendo com um Vaqueiro, depois de ter recusado a diversos barões pretendentes. A narrativa apresenta um conflito atual e bem presente nas sociedades modernas, quando gerações distintas dividem espaços e tentam legitimar seus direitos.

PALAVRAS-CHAVE: Ariano Suassuna, A pedra do reino, Romance

ABSTRACT:

Present in the 12th chapter of the novel d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta, written by the author Ariano Suassuna, the romantic tale between the daughter of the Emperor of Brazil and a cowboy is set against the backdrop of Brazil's badlands. Despite her father's warnings and advice, she goes against her father's wishes and becomes involved with the cowboy, after rejecting other wealthy suitors. The story tells of a conflict present in modern society, where different generations attempt to exercise their rights.

KEY-WORDS: Ariano Suassuna, A Pedra do Reino, Romance

RESUMEN:

Presente en el folletín XII de la novela d' A Pedra do Reino y o príncipe do sangue do vai-e-volta, de autoría del escritor Ariano Suassuna, el Romance de la hija del imperador de Brasil se pasa en un contexto de páramo y narra una situación vivida por la infanta, que se enamora de un vaquero. A pesar de los cuidados de su familia, la infanta vive un romance con un vaquero, tras recusar el pedido de varios nobles. La narrativa presenta un conflicto actual y presente en las sociedades modernas, en que generaciones distintas dividen espacios e intentan legitimar sus derechos.

PALABRAS-LLAVE: Ariano Suassuna, A Pedra do Reino, Romance

* Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

O *Romance da Filha do Imperador do Brasil* está presente no *Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*, de autoria de Ariano Suassuna e é um daqueles romances ibéricos que atravessaram o Atlântico e chegaram no Brasil a partir de um processo de apropriação. Um texto anônimo, que se faz presente na tradição popular nordestina, possibilitado pela memorização, elemento próprio da literatura oral, e que assim como em vários outros, procura recuperar e reproduzir elementos narrativos, a exemplo da comédia medieval e renascentista da Europa. Dessa forma, histórias e personagens se multiplicaram e passaram a compor cenários diversos, em culturas variadas.

Tomemos um breve exemplo aqui para ilustrar esse processo através das excelências. A excelência é um canto de recomendação das almas, uma espécie de ritual fúnebre, com benditos e frases apenas rimadas, ainda muito cantado no meio rural nordestino, principalmente em Pernambuco, Paraíba e no Rio Grande do Norte, sendo uma prática ainda existente e presente na vida dos sertanejos dessas localidades, que celebram sua revificação. Também chamadas de *incelências* ou *incelenças*, trata-se de uma prática do catolicismo popular, igualmente cantadas em Portugal, nas regiões de Douro e Minho, das mais antigas regiões do país, com uma cultura rica no folclore minhoto¹ que se realça nas festas e romarias. Sem deixar de mencionar a existência de certos romances de origem bíblica, cantados no Marrocos, que assim como as excelências, não podem ser interrompidos, e apresentam algumas características semelhantes.

Enfim, tal aspecto se estabelece numa relação até certo ponto “ingênua” entre narrador e ouvinte, como afirma Walter Benjamin:

Para o ouvinte imparcial, o importante é assegurar a possibilidade da reprodução. A memória é a mais épica de todas as faculdades. Somente uma memória abrangente permite à poesia épica apropriar-se do curso das coisas, por um lado, e resignar-se, por outro lado, com o desaparecimento dessas coisas, com o poder da morte. (BENJAMIN, 1985, p. 210).

Trata-se de um elemento constitutivo da identidade social, que tem influência direta nas interpretações, atitudes, gestos e pensamentos apresentados a partir dos grupos e doutrinas a eles pertencentes, nos quais os indivíduos estão inseridos. Coube à memória, portanto, a preservação dessas características que mantêm-se por muito tempo vivas, muitas vezes, porém, no anonimato. Vejamos o que diz os versos do

¹ O folclore minhoto é bem conhecido em Portugal pelas suas danças tradicionais, como, por exemplo, os viras, cana verdes e chulas.

poeta Manoel Florentino Duarte, no seu cordel *É um pouco de tudo da Puizia Matuta* (apud FUNARI, 1989, p. 15): “O cofre da minha memória / é grande subterrâneo / não há quem calcule os versos / que se acumulam no meu crânio / é mais do que o volume / da água do Mediterrâneo. //”

A respeito dessas questões, o escritor e poeta Bráulio Tavares, no seu livro *Contando história em versos: Poesia e Romanceiro Popular no Brasil*, considera que

no mundo da literatura oral, não existe ‘a’ versão oficial. Não existe original: tudo é cópia. Como tudo é feito na base da memória, cada versão é diferente da anterior. É raro que se encontrem duas versões exatamente iguais; mas não importa. Cada uma é tão legítima quanto as outras. Quando alguém conta uma história extraordinária numa sala de visitas, ou uma história de fadas junto à cama de uma criança, ou uma lenda folclórica diante de um auditório cheio de alunos, não está preocupado em saber se essa história está sendo contada ‘exatamente como é’. Ela é aquilo que está sendo naquele momento. Sua forma é a que aquele narrador lhe dá naquele instante; ela existe apenas para as pessoas que estavam ali, naquele momento. (TAVARES, 2005, p. 106).

É o que afirma Alfredo Bosi (2001, p.35), ao dizer que “a memória extrai de uma história espiritual mais ou menos remota um sem-número de motivos e imagens, mas, ao fazê-lo, são os seus conflitos do aqui-e-agora que a levam a dar uma boa forma ao legado aberto e polivalente do culto e da cultura”. Faz-se importante perceber aqui, o pensamento proposto por Pesavento (2003, p. 94-95):

Enquanto representação, a Memória permite que se possa lembrar sem a presença de coisa ou de pessoa evocada, simplesmente com a presença de uma imagem no espírito e com o registro de uma ausência dada pela passagem do tempo. [...] O final desse processo de rememoração seria dado pelo reconhecimento, por aquele que rememora, da certeza do acontecido: foi ele, foi lá, foi então, foi assim. O reconhecimento se opera por um ato de confiança, que confere veracidade à rememoração.

De uma forma ou de outra, foi dessa maneira que personagens e histórias resistiram e resistem ao passar dos anos, tendo o Nordeste, mais especificamente, o Sertão, como região rica, ampla e original, na preservação de costumes e traços antigos de um povo, como afirma o escritor Bráulio Tavares (2005, p. 107): “graças a essa cultura subterrânea que nada anota e nada esquece. Pessoas que sabiam histórias e passavam-nas adiante; pessoas que sabiam ler pegavam versões escritas dessas histórias orais e passavam-nas adiante”.

Personagens como João Grilo que é claramente uma espécie de encarnação do Pedro Malazarte, talvez entendido como o herói espertalhão mais conhecido e que na Península Ibérica tinha o nome de Pedro Urdemalas, como já foi citado em trabalho anterior (COSTA, 2007, p. 37):

Assim como esses, o Lazarillo de Tormes, famoso por guiar cegos, sobrevivendo a duras custas em meio à miséria e violência; o Cancão de Fogo, dos folhetos de Leandro Gomes de Barros; o “Sabido Sem Estudo”, de Manoel Camilo dos Santos; voltando a personagens da Commedia dell’Arte européia, como o Arlequim; chegando até o personagem Tonheta de Antonio Carlos Nóbrega, e o Trupizupe, o Raio da Silibrina, de Bráulio Tavares; que trazem consigo características semelhantes.

Não apenas personagens, mas as histórias são elaboradas a partir de obras anteriores, sendo aprofundadas, reafirmadas e ampliadas. Dessa forma, o *Romance da Filha do Imperador do Brasil* segue a proposta Armorial² de elaboração artística a partir da integração das artes e recriação, tomando como ponto de partida obras anteriores. No caso da integração, ao criar um texto, o escritor lhe possibilitaria outras visões, trazendo novas perspectivas a partir de uma primeira matriz. Uma espécie de leitura não-linear que poderia ter início num texto escrito, que se caracterizaria como a matriz inicial para, em seguida, ter sequência através de uma leitura imagética, elaborada a partir da primeira, e assim sucessivamente.

O princípio da integração entende a obra de arte pelo lado oposto. Os diversos gêneros de arte não só podem como devem se complementar, principalmente no campo das artes plásticas. Dessa forma, é perfeitamente legítima a preocupação de um escultor com a cor, ou a de um arquiteto com elementos de construção similares às cariátides gregas, que são escultura e estrutura ao mesmo tempo. (NEWTON JÚNIOR, 1999, p. 108).

Esse tipo de elaboração dos trabalhos armoriais faz de cada obra um ponto de partida para as demais. Nesse sentido, esse princípio vai direcionar a produção das artes armoriais para a já mencionada idéia de criação a partir de obras anteriores, enriquecendo e ampliando diferentes temas. É o caso do *Romance da Filha do Imperador do Brasil*, presente no folheto XII d’A *Pedra do Reino*, também presente no disco *Lunário Perpétuo*³, do músico pernambucano Antonio Carlos Nóbrega.

² Fundado e organizado pelo escritor paraibano Ariano Suassuna, o Movimento Armorial tinha como objetivo a realização de uma arte erudita, partindo das raízes populares da cultura brasileira. O nome armorial, apresentado ao público pela primeira vez em 18 de outubro de 1970, no lançamento oficial do movimento, é apenas um substantivo em nosso idioma que diz respeito a um livro de registros de brasões. Suassuna passou a empregá-lo também como adjetivo, criando, assim, um neologismo para identificar uma arte que carrega em si emblemas e bandeiras de um povo. Dessa forma, ele tomava a palavra armorial, que é sinônimo de heráldica, para nomear símbolos presentes na cultura do povo brasileiro, principalmente, do Nordeste. O armorial se caracteriza por uma reinterpretação da cultura brasileira, através do popular e erudito.

³ O título do disco e de uma de suas canções é versão abreviada do livro que circulou no Nordeste brasileiro até meados do século passado: *Lunário e Prognóstico Perpétuo para Todos os Reinos e Províncias*, de autoria do valenciano Jerônimo Cortez, cuja primeira edição remonta aos anos 1750.

1. Dom Pedro e a Infanta: diálogos e conflitos

Recriado por Ariano Suassuna, o *Romance da Filha do Imperador do Brasil* se passa num contexto sertanejo, tendo como personagens o Imperador Dom Pedro, a Infanta, a Criada e o Vaqueiro. Cada um desses personagens recebe um tratamento diferenciado na versão musicada por Antônio Carlos Nóbrega, que explora suas qualidades ao som de um xote, com as presenças marcantes do acordeom, triângulo, zabumba, pandeiro e violão. Dessa forma, atribui vozes características para cada personagem, com destaque para o tom debochado em falsete, utilizado para interpretar a voz da Infanta, de modo zombeteiro, peculiar ao personagem Tonheta⁴, elemento bastante presente nos trabalhos de Nóbrega.

A história narra uma situação vivida pela Infanta, filha do Imperador Dom Pedro, que se apaixona por um Vaqueiro. Na verdade, um conflito atual e ainda presente nas sociedades modernas, quando gerações distintas dividem espaços e tentam legitimar seus direitos. Na verdade, o moderno aí se contrapõe ao tradicional, quando o pai ainda promove ou, pelo menos, tenta promover, o que seria o “melhor partido” para a sua filha, a jovem Infanta. Segue abaixo o início do romance:

O Imperador Dom Pedro
tem uma Filha bastarda,
a quem quer tanto do bem
que ela ficou malcriada!
Queriam casar com ela
Barões de capa e de espada.
Ela, porém, orgulhosa,
a todos que recusava:
- Este, é menino! Esse é velho!
Aquele, lá, não tem barba!
O de cá, não tem bom pulso
Pra manejar uma Espada!
Dom Pedro falou, se rindo:
- Inda serás castigada!
Não vás tu, de algum Vaqueiro,
terminar apaixonada!

A Infanta se opõe ao posicionamento do pai, que seguindo a tradição, pretende encontrar um “bom partido”, oriundo certamente de uma outra família das mais tradicionais, que mantém os mesmos princípios, algo que era determinado muitas vezes dentro da corte, ou da própria família, por consanguinidade.

⁴ Personagem criado pelo músico Antônio Carlos Nóbrega a partir do velho “Faceta”, palhaço animador do pastoril profano, presente nos espetáculos populares do Nordeste. Presente nos vários espetáculos do artista, Tonheta se apresenta como seu personagem brincante fixo.

Mesmo com os cuidados e orientações do Imperador, a Infanta acaba se apaixonando por um Vaqueiro. O fato acontece na madrugada, quando, da janela, ela observa passar três moradores que trabalhavam de enxada. Um deles, “o que mais trabalhava”, desperta a atenção da princesa que pede para a Criada levá-lo até ela, conforme trecho abaixo:

[...]
E na fazenda de seu pai,
já no fim da madrugada,
um dia, numa janela,
a infanta se debruçava.
Viu passar três moradores
que trabalhavam de enxada.
O mais garboso dos três
era o que mais trabalhava.
Tanto plantava algodão,
como do gado cuidava.
vestia gibão de couro,
fortes sapatos calçava.
N'aba do chapéu de couro,
fina prata se estrelava.
Pois logo, desse vaqueiro,
a infanta se apaixonava.

[...]
- Senhora, o que é que me manda?
Eu vim por vossa chamada!
- Quero saber se te atreves
a queimar minha Coivara!
- Atrever, me atrevo a tudo,
que um homem não se acovarda!
Dizei-me, porém, Senhora,
onde está vossa Coivara!

O tom sexual e machista está aí bem presente. O homem que não “se acovarda” em nenhuma circunstância, forte, vigoroso está à disposição da Infanta para queimar sua coivara, uma referência clara ao órgão reprodutor feminino, que segue sendo desvendada pelo Vaqueiro à medida que a Infanta explica onde fica a tal coivara:

- É abaixo dos dois Montes,
na Fonte das minhas águas,
abaixo do Tabuleiro
e na Furna da Pintada,
na linha da Perseguida,
no corte da Desejada!

No *Romance d'A Pedra do Reino*, o *Romance da Filha do Imperador do Brasil* surge depois de um diálogo entre o personagem Quaderna e seu padrinho João Melchíades. Inicialmente o padrinho conta para Quaderna os tipos principais de

romances versados. “[...] os romances de amor; os cangaceiros e cavalarianos; os de exemplo; os de espertezas, estradeirices e quengadas; os jornaleiros; os de profecia e assombração; e os de safadeza e putaria” (SUASSUNA, 2005, p. 94). Em seguida, ele conta o romance, que foi avaliado por Quaderna como sendo “uma espécie de mistura de romance de amor com romance de putaria”.

A Infanta conseguiu o que queria e teve o Vaqueiro queimando sua coivara por várias horas. Na música de Nóbrega, a situação que é narrada ao som de um xote bem compassado ganha contornos mais firmes e dá lugar ao frevo, ou seja, a situação tranquila de uma paisagem rural descrita ao som de um xote, dá lugar a um ritmo intenso de uma noite de núpcias conforme desejava a Infanta, que se intensifica mais à medida que os dois personagens se entregam. Ao final, saciada, a Infanta pede “tréguas”, não sabendo se “por varas” morre ou com ela “incendiada”.

[...]
Passam o dia folgando,
o mais da noite passavam,
e o Vaqueiro socavando:
ele sabe o que cavava!

À meia-noite, a Princesa
pediu tréguas, por cansada:
- Basta! Basta, meu Vaqueiro!
Queimaste mesmo a Coivara!
Não sei se por varas morro
ou com ela incendiada!
E, assim, a filha do Rei
do orgulho foi castigada!

Classificado como sendo daqueles “romances velhos, meio desmantelados e já um pouco fora de moda” pelo padrinho João Melchiádes, Quaderna mostra-se abismado com as “mentiras” do romance, pois, segundo ele, o seu tio-bisavô, Dom Pedro I, não tinha filhos. Só depois de muito tempo é que ele ficaria sabendo que quem tinha uma filha bastarda era o “falso” Dom Pedro I, impostor da Casa de Bragança. Com isso, Quaderna chegou a seguinte conclusão: “certamente fora essa filha, a Duquesa de Goiás, que, tendo puxado às taras da Mãe, a Marquesa de Santos, terminara como personagem desse romance que meu padrinho me contou naquele dia”. (2005, p. 98)

A narrativa apresenta um conflito atual, quando gerações distintas dividem espaços e tentam legitimar seus direitos, prevalecendo à oposição ao outro lado como forma de demonstração de poder, se contrapondo à disciplina imposta em uma

sociedade que ainda mantém bem presente o viés paternalista. Ao final, fica a mensagem do castigo da Infanta pelo seu orgulho. Um castigo premeditado aos olhos do Pai e às vontades da filha.

Castigo por um lado, mas uma suposta sensação de conquista de liberdade, que fica realmente restrita a nada mais que uma sensação, um sentimento de vazio bem próprio do ambiente pós-moderno (HALL, 2005), algo bem próprio da modernidade líquida descrita por Bauman (2004), no que se refere às “crises das relações humanas”. Dessa maneira, faz-se prevalecer o aqui e agora como porta-vozes também dos sentimentos e dos sujeitos cada vez mais auto-suficientes, com suas identidades formadas momentaneamente, fragmentos de paisagens esvaziadas nas relações entre os indivíduos.

Referências Bibliográficas

COSTA, Luís Adriano Mendes. **Movimento Armorial**: o erudito e o popular na obra de Antonio Carlos Nóbrega. [S.l.: s.n.], 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BENJAMIN, Walter. **Magia, técnica, arte e política**. Obras escolhidas vol. 1. São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 1985.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Cultura popular na antigüidade clássica**. São Paulo: Contexto, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

NEWTON JÚNIOR, Carlos. **O pai, o exílio, e o reino**: a poesia armorial de Ariano Suassuna. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SUASSUNA, Ariano. **Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta**. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

TAVARES, Braulio. **ABC de Ariano Suassuna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.